

Mostre a língua

Cenatexto

Dona Gracinha foi ao médico e nada entendeu. Por isso, resolveu ir ao posto de saúde mais próximo de casa. Dessa vez, contava com a companhia de Elvira para lhe dar conforto e segurança. Mas, a preocupação com o seu filho ainda é grande... Conseguirá Gracinha, enfim, entender que problema ele tem?

Elvira chega ao posto de saúde decidida a encontrar uma solução para o caso de seu sobrinho. Dirigindo-se à recepção, fala em tom firme e educado com a auxiliar de saúde, explicando que a criança precisa de atendimento urgente. Habituada a receber pacientes aflitos, a atendente esclarece, com vagareza, que dr. Francisco poderá atender o bebê tão logo a consulta de outro paciente termine. Tal esclarecimento só não suscita desespero na mãe do garoto porque ela e seu filho são conduzidos a uma pequena sala, onde a auxiliar pesa a criança e toma a sua temperatura. Ao saber que essa é a primeira vez que o pequeno Artur é levado àquele posto, a funcionária providencia a abertura de um prontuário.

- Dona Maria das Graças, preciso anotar alguns dados do seu filho para adiantar o trabalho do dr. Francisco. Quando a senhora chegar lá, a anamnese será mais rápida.

Gracinha acha um desaforo começar, outra vez, a ouvir e não entender. Encorajada pela conversa que teve com a cunhada, arrisca:

- O que é anamnese?

- Anamnese? É a conversa que tem com o médico, sobre o que você sente e como foi que chegou até o presente momento.

- Mas não é comigo, é com meu filho...

Nesse meio tempo, o médico termina de atender o paciente anterior e manda chamar o próximo. É a vez de Gracinha, que já vai entregando ao médico a ficha do prontuário, tal como mandara a atendente.

- Dona Maria das Graças, o que houve com o Artur?

- Ah! Doutor! - diz ela chorosa - Veja como ele tá enrugadinho. O que é isso, hem?

- Como ele passou de ontem para hoje?

- Ontem, as fraldas não pararam limpas. Depois começou a baldear sem parar...

Médico experiente, acostumado com a clientela mais humilde do bairro, dr. Francisco usa do seu bom-senso e do seu olho clínico para concluir sem demora: caso de desidratação. Um problema comum na idade do pequeno paciente.

- Deixe-me ver os olhos. Ao chorar, ele tem lágrimas?

- Acho que não. De tão abatido, nem chora.
- E a boca está seca? Mostre a língua, garoto!
- Completa o exame físico e com mais conversa se certifica do diagnóstico.
- Veja só: meu filho mais parece uma fruta seca. – lamenta a mãe ao vê-lo despido.
- Boa comparação! Uma fruta seca é uma fruta que já perdeu boa parte do caldo, do suco, do líquido que há nela. Com seu filho aconteceu isso também. Me responda: quando ele sujou as fraldas, o cocô estava muito mole? Quase líquido?



- Demais!
 - E depois, ele começou a vomitar?
 - Isso mesmo! Vomitava tudo o que eu dava.
 - Veja bem: o corpo de Artur foi perdendo líquido, através do cocô e do vômito. E o corpo precisa de muito líquido. Isso se chama desidratação. Nada grave, se for socorrido a tempo. Mas, pode levar rapidamente à morte, se nada for feito.
 - E o que eu tenho que fazer? - reage Gracinha.
 - Repor o líquido que ele perdeu. Não é necessário nem comprar remédio. Há uma bebida especial, que a senhora mesma pode fazer, em casa. Chama-se soro caseiro. Ponha em um copo grande de água, uma colherinha de açúcar e um pitada de sal. Mexa tudo e vá dando, aos poucos, essa mistura para ele. Colherada por colherada, de tempo em tempo. Assim, a senhora vai reidratá-lo oralmente. Por enquanto, o soro caseiro é a melhor solução oral que existe.
 - Só isso? - desconfia Gracinha.
 - Só isso. Por hoje não dê a ele outra coisa. Tome cuidado com a quantidade de sal. Sal na medida errada, nesse caso, faz um mal danado. Prove o soro depois de pronto: deve ter gosto de lágrima.
 - Quer dizer que basta fazer o soro caseiro e ir dando para o Arturzinho que ele vai sarar? - alegre-se a mãe.
 - Exatamente! Quando a senhora perceber que ele já está bom, vá aos poucos dando uma outra comidinha mais leve. Amanhã, é provável que ele já esteja bom.
 - Obrigada, doutor! Muito obrigada!
 - Volte se for necessário
- Gracinha, mais serena, pensa: Que médico simpático! Arturzinho vai ficar bom.



Dicionário

Depois de tanta dor e angústia, Gracinha fica sabendo qual era o problema de Arturzinho. Finalmente, conseguiu se comunicar com o médico, ou seja, conseguiu entender e ser entendida. Nada melhor do que dominar as palavras de nossa língua. Veja estas palavras da Cenatexto e enriqueça seu vocabulário.

suscitar. *V.t.d.* 1. Fazer nascer; fazer aparecer. 2. Provocar, promover, causar. 3. Lembrar, sugerir. 4. Provocar ou produzir a aparição de. 5. Levantar ou apresentar com impedimento.

prontuário. *S.m.* 1. Lugar onde se guardam ou depositam coisas das quais podem se necessitar a qualquer instante. 2. Manual com indicações úteis. 3. Ficha (médica, policial) com dados referentes a uma pessoa.

baldear. *V.t.d.* 1. Tirar com o balde. 2. Passar (líquidos) de um balde para outro. 3. Transferir, passar de um lugar para outro. 4. Vomitar. 5. Passar para o outro lado.

diagnóstico. *Adj.* 1. Referente a diagnose. *S.m.* 2. Conhecimento ou determinação de uma doença pelo(s) sintoma(s). 3. O conjunto dos dados em que é baseada essa determinação.

Dominar o vocabulário técnico de uma área, ou as palavras especializadas, é importante quando se precisa entrar em contato com algum profissional dessa área. Os problemas enfrentados por Gracinha na consulta médica são muito reais. Pais e mães muitas vezes ficam angustiados, sem saber o que fazer porque não entendem o que os médicos, os enfermeiros ou os farmacêuticos dizem. Pergunte sempre. Perguntar não é vergonha.

Redação no ar

Diante do problema de saúde do filho, Gracinha recorreu a um hospital. Depois da consulta, achou o médico antipático. Chegou à sua casa do mesmo modo que saiu: desconhecendo o problema do seu filho.

Mas, encorajada por Elvira, foi ao posto de saúde e achou o médico muito simpático. Você reparou por que Gracinha não simpatizou com o primeiro médico, mas adorou o segundo? Veja aqui as explicações:

No hospital: “*Que médico antipático!*”

Gracinha, por não ter entendido as palavras usadas pelo médico, saiu insatisfeita e aborrecida, sem saber qual era o problema de Arturzinho.

No posto de saúde: “*Que médico simpático!*”

Gracinha teve coragem de esclarecer suas dúvidas com o médico e pôde realmente saber o que tinha Arturzinho.

Como diz o velho ditado: “*Quem tem boca vai à Roma*”. Quem sabe se comunicar pode evitar muitos aborrecimentos. E, por falar em comunicação, leia um divertido texto que mostra a dificuldade de um homem para descrever um objeto que quer comprar.

O texto é do conhecido escritor gaúcho, Luis Fernando Verissimo, um especialista em contos; sobretudo, contos bem-humorados.

Quanto a isso, sabemos que a Literatura tem várias funções e, entre elas, também a função de cumprir o papel de transmitir sensações diversas. Entre essas sensações está o humor, pois ninguém agüentaria ler apenas textos sérios e sisudos.

Neste conto você observará a extrema dificuldade do comprador em descrever um “simples” objeto, revelando que não é um bom comunicador. Leia:

Comunicação

É importante saber das coisas. Ou, pelo menos, saber comunicar o que quer. Imagine-se entrando numa loja para comprar um... um... como é mesmo o nome?

- Posso ajudá-lo, cavalheiro?
- Pode. Eu quero um daqueles, daqueles...
- Pois não?
- Um... como é mesmo o nome?
- Sim?
- Pomba! Um... um... Que cabeça a minha. A palavra me escapou por completo.

É uma coisa simples, conhecidíssima.

- Sim, senhor.
- O senhor vai dar risada quando souber.
- Sim, senhor.
- Olha, é pontuda, certo?
- O que, cavalheiro?
- Isso que eu quero. Tem uma ponta assim, entende? Depois vem assim, assim faz uma volta, aí vem o reto de novo, e, na outra ponta, tem uma espécie de encaixe, entende? Na ponta, tem outra volta, só que esta é fechada. E tem um... um... uma espécie de, como é que se diz? De sulco. Um sulco onde se encaixa a outra ponta, a pontuda, de sorte que o, a, o negócio fica fechado. É isso. Uma coisa pontuda que fecha. Entende?

- Infelizmente, senhor...
- Ora, você sabe do que eu estou falando...
- Estou me esforçando, mas...
- Escuta, acho que podia ser mais claro. Pontudo numa ponta, certo?
- Se o senhor diz, cavalheiro...
- Como se eu digo? Isso já é má vontade. Eu sei que é pontudo numa ponta.

Posso não saber o nome da coisa, isso é um detalhe. Mas sei exatamente o que eu quero

- Sim, senhor. Pontudo numa ponta.
- Isso! Sabia que o senhor compreenderia. Tem?
- Bem, eu preciso saber mais sobre essa coisa. Tente descrevê-la outra vez.

Quem sabe o senhor desenha para nós?

- Não. Eu não sei desenhar nem casinha com fumaça saindo da chaminé. Sou uma negação no desenho.

- Sinto muito.
- Não precisa sentir. Sou técnico em contabilidade, estou muito bem de vida.

Não sou um débil mental. Não sei desenhar, só isso. E, hoje, por acaso, me esqueci o nome desse raio. Mas, fora isso, tudo bem. O desenho não me faz falta. Lido com números mais complicados, claro. O oito, por exemplo, tenho que fazer rascunho antes. Eu não sou um débil mental, como você está pensando.

- Eu não estou pensando nada.
- Chame o gerente.
- Não será preciso, cavalheiro. Tenho certeza de que chegaremos a um acordo.

Esta coisa que o senhor quer é feita de quê?

- Sei lá. De metal.
- Muito bem. De metal. Ela se move?
- Bem... é mais ou menos assim. Presta atenção na minha mão. É assim, assim, dobra aqui, se encaixa na ponta, assim.

- Tem mais de uma peça?
- É inteiriço. Tenho quase certeza de que é inteiriço.
- Francamente...





- Mas é simples. Uma coisa simples! Olha só: assim, assim, uma volta aqui, vem vindo, outra volta e clique, encaixa.

- Ah! Tem clique. É elétrico?

- Não, o clique que eu digo, é o barulho de encaixar.

- Já sei!

- Ótimo!

- O senhor quer uma antena externa de televisão!

- Não! Escuta aqui! Vamos tentar de novo.

- Tentaremos para outro lado. Para que serve?

- Serve assim, para prender. Entende? Uma coisa pontuda que prende. Você enfia a ponta pontuda aqui, encaixa a ponta no sulco, e prende as duas partes de uma coisa.

- Certo. Esse instrumento que o senhor procura, funciona mais ou menos como um gigantesco alfinete de segurança e...

- Mas é isso!!! É isso! Um alfinete de segurança!

- Mas do jeito que o senhor descrevia parecia uma coisa enorme, cavalheiro.

- É que eu sou meio expansivo. Me vê aí um... um... Como é mesmo o nome?



Fonte: Luis Fernando Verissimo, "Comunicação". In: **Para Gostar de Ler**. São Paulo: Ed. Ática, vol. 7.



Imagine uma situação semelhante à do texto *Comunicação*. Isso não é difícil. Você deve conhecer muitos fatos reais desse mesmo tipo.

Faça dois textos diferentes, que podem ser curtos e simples. A sugestão é a seguinte:

1. O primeiro texto mostrará alguém com dificuldade em descrever o objeto que procura. Algo parecido com o que ocorreu no texto de Luis Fernando Veríssimo. Imagine uma situação e, pelo menos, dois personagens. Veja como poderia ser:

(Sugestão 1)

Zeferino precisava demais daquele aparelho, que fazia uma falta danada em casa. Já esquecerá mais de vinte vezes de comprar. Por sorte, hoje ele se lembrou ao passar em frente à loja de secos e molhados.

- Moço, vocês têm aí um... o... a... aquele...

- Pois não, posso ajudá-lo?

- Sim... tem uma luzinha em cima quando liga.

(Sugestão 2)

Há cinco dias que Terezinha tenta se lembrar do nome daquele relógio, que viu na vitrina da loja da cidade. Em casa ninguém mais fica em paz.

- Olha, o nome começava com uma letra assim redonda.

- Então era um O.

- Não, não. Era aberta pro lado. O nome era comprido...

Continue a partir dessas sugestões ou crie seu próprio texto, imaginando situações muito engraçadas.

